Para Entender o que são Web TVs: Primeiras Buscas [1]

Suzana KILPP[2]
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

Resumo

O artigo apresenta e discute os resultados das primeiras buscas efetuadas na Internet pelo termo Web TVs, ainda no início da pesquisa "Audiovisualidades de web TVs". Problematiza esses resultados a partir da metodologia das molduras e tece considerações sobre os sentidos que vêm sendo atribuídos à TV pela nova mídia. O artigo também faz apontamentos históricos, sugerindo haver até agora quatro gerações de televisão no Brasil e sugerindo que a quarta geração seja de fato "outra coisa", ainda muito indefinida no atual estágio da técnica e no estado da pesquisa de TV.

Palavras-chave: web TV; analógico-digital; estágio da técnica.

Introdução

O artigo decorre da pesquisa "Audiovisualidades de web TVs" que dá continuidade à pesquisa "Audiovisualidades digitais" na qual buscamos entender os atravessamentos que as lógicas inaugurais de vídeos digitais disponíveis na Internet incidem sobre as lógicas tradicionais da televisão que se digitaliza por força da lei.

Temos pesquisado a televisão brasileira desde 1996. Inicialmente nosso interesse estava em sua história, história que associávamos à de culturas regionais que foram "nacionalizadas" nos anos 1970 - em grande parte pelo papel desempenhado pela televisão, especialmente pela que se tornou a Rede Globo de Televisão, mas também por outras emissoras que foram subsumidas politicamente ou comercialmente durante a ditadura militar que vigia no país -, e sempre a partir de políticas públicas e de investimentos que intentavam (e alcançaram) a unificação do território brasileiro (que era até então um conglomerado de regiões muito díspares e muito distantes física e linguisticamente umas das outras, o que dificultava a comunicação entre elas e a distribuição de bens e serviços em grande escala que era pretendida pelas multinacionais) em um único "mercado", o que facilitaria (e de fato facilitou) sobremaneira o ingresso de investimentos estrangeiros em qualquer espécie de bem ou produto a ser consumido em nosso território.

[1] Trabalho apresentado no GP Televisão e Vídeo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS, email: sukilp@unisinos.br.

Nunca tivemos dúvidas sobre a decisiva ingerência estrangeira (especialmente a norte-americana) no processo de "nacionalização" que se efetivou a partir de meados de 1970 no país, tornadas possíveis, no que importa aqui, pelos investimentos em telecomunicação que, tecnologicamente, permitiram que as transmissões televisivas alcançassem todo o território via satélite. Mas também acreditamos que isso não se deu sem resistências das regiões e de suas idiossincrasias, o que tentamos dar a ver nos livros e revistas em que publicamos resultados das pesquisas.

Atualmente está em curso um fenômeno que parece ser bastante diverso, no qual aparentemente os poderes "nacionais" se evadem diante dos poderes "tecnológicos" globalizados. Entretanto, acreditamos que a migração do analógico ao digital é uma mudança tecnológica tida como necessária à globalização desenfreada a que assistimos hoje, a qual incide sobre as políticas públicas e sobre os arranjos que as empresas precisam realizar em sua inserção nesse contexto expandido. Desde tal perspectiva, faz-se mais uma vez necessário refletir sobre o embate travado no campo da Comunicação entre o regional/nacional (ao qual associamos a TV off-line) e o global (ao qual associamos a TV on-line).

Da mesma forma que antes, acreditamos que essa passagem não está sendo feita sem tensões e resistências, e também não duvidamos de que, apesar disso, ela será feita e que num dia não muito distante a televisão brasileira será toda digital e com inscrição na Internet.

Nos dois casos historicamente datados, porém, entendemos que não se trata de mera progressão tecnológica, porque o que de fato ocorre é que a televisão brasileira em meados da década de 1970 tornou-se outra coisa que era até então. E ela vem agora se tornando outra coisa ainda a partir de sua inscrição na Internet.

O que nos temos perguntado, então, neste momento, é: no quê e como as TVs on-line incidem sobre nosso entendimento acerca da televisão? Ou, melhor e antes, no quê e como ela se torna outra coisa?

Teoricamente adotamos a perspectiva de que o meio é quem melhor diz de si em suas práticas enunciativas. Por isso, metodologicamente temos investigado os sentidos de si que as emissoras de TV têm nos ofertado num conjunto de quadros ou territórios de experiência e significação aos quais chamamos de molduras, as quais, no mais das vezes,

encontram-se na opacidade imagética e sonora do teor que as emissoras retoricamente produzem e ou veiculam.

A partir de tais pressupostos, na pesquisa em pauta buscamos entender as enunciações de si que são praticadas por emissoras de TV off-line na Internet; e, principalmente, entender os atravessamentos que se produzem nas enunciações de TV quando ela (a Internet) ingere sobre tais enunciados a partir de um disfarçado implícito de que as TVs on-line são apenas replicações das TVs off-line.

Isso importa porque a nosso ver vem se constituindo uma quarta geração da mídia televisão brasileira, sendo que, resumindo o que dissemos, a primeira seria a local/regional que prevalecia até meados da década de 1970; a segunda, a nacional, em rede e com transmissão via satélite; a terceira, a que opera off-line e on-line. As TVs da primeira, segunda e terceira geração não necessariamente desapareceram ou desaparecerão – até, ao contrário, é possível imaginar que coexistirão ainda pelo menos por um bom tempo com as da quarta.

A quarta geração, que analisamos na pesquisa que estamos relatando, é a que nasce na web fortemente carregada de sentidos que lembram a TV (a off-line e a on-line), mas que, a nosso ver, é "a outra coisa" referida anteriormente, e à qual, na falta ainda de uma alternativa melhor, chamamos de web TV.

Primeiras buscas por TV na Internet

Então, a partir dos resultados das pesquisas anteriores e da metodologia que adotamos (a metodologia das molduras, cujos pressupostos podem ser sumariamente encontrados em "Isso não é um espelho", em Kilpp, 2010, ou, mais largamente, em Kilpp, 2003), autenticamos que ao iniciar a navegação na rede no mais das vezes (quando não se é um freqüentador habitual e experto) inicia-se a busca nos maiores *sites* de busca. E foi por isso que elegemos o Google como ponto de partida: simplesmente porque ele é um dos maiores *sites* de busca na Internet.

Nele, ao primeiro *clic* do *mouse* o programa oferece essas duas repostas alternativas: "resultados" (da busca que fizemos) e "sugestões" (para novas buscas, complementares e, a seu critério, mais específicas do que a que fizemos inicialmente). Admitimos que em outras *sites* de busca seja possível encontrar outros resultados e sugestões; mas acreditamos que as lógicas operativas não seriam muito diferentes, nem os enunciados. Em qualquer um deles,

provavelmente uma das primeiras molduras[3] que se teria acessado é aquela que diz respeito ao modo em que se organizam (programam, em linguagem de computador, os *softwares* utilizados para tal organização numérica) os usos das ferramentas de busca nas interfaces, sendo que, nos termos da metodologia em questão, os usos ofertados são uma ethicidade[4].

Assim, em meados de 2011, quando a pesquisa foi projetada, na ferramenta Google de busca apareciam os seguintes "resultados" e "sugestões" para os termos TV, web TV e Internet TV (nessa ordem), com os quais iniciamos a cartografia:

Busca por TV

- Resultados: webtv

- Sugestões: tv online; tv online grátis; tva; tv gol; tv ao vivo; tv grátis; tv gazeta; tvz; tv globo;

Busca por web TV

- Resultados: webtv

- Sugestões: webtv; webtvcn; web tv gênesis; web tv fpf; web tv grátis; web tv canção nova; web tv redentor; web tv globo; webtv marista; webtv uninter;

Busca por Internet TV

- Resultados: sem especificação

- Sugestões: após algumas que não interessam aqui, aparecia "Como montar uma web tv". Ao clicar nessa sugestão, apareciam vários *sites* que ensinavam a "fazer você mesmo" sua TV na Internet.

Pouco mais de um ano depois, o programa continuava sugerindo os mesmos *sites* para o primeiro e o segundo termo, numa hierarquia insignificantemente outra. Mas a resposta antes encontrada para o terceiro termo não foi mais encontrada, e, em seu lugar, apareceram alguns *sites* que também apareciam na busca pelos dois primeiros termos, e

[3] Molduras são quadros ou territórios de experiência ou significação que não têm sentido em si mesmos, situadas em zonas de grande opacidade justamente para que não sejam percebidas, mas que são fundamentais aos sentidos que ao final serão atribuídos ao teor veiculado pelos meios. No caso, tendemos a ignorar, por exemplo, que as buscas na Internet são regidas, organizadas e programadas pela moldura "busca".

[4] Ethicidades são construtos midiáticos de pessoas, coisas, objetos, fenômenos, acontecimentos, usos etc. Elas se parecem com as que existem em seu exterior por que são assim enunciadas nas molduraçõe praticadas pelas mídias, em consonância com um imaginário compartilhado (socialmente concertado) a partir do qual sua comunicação é possível (compreensível). Ainda que os sentidos tendam ao mesmo, sua enunciação – situada na opacidade do teor veiculado - varia de acordo com o conjunto das molduras e molduraçõe que participam de seu agenciamento.

muitos *sites* que ensinavam como "fazer você mesmo" sua conexão, sua antena etc. para as TVs sitiadas na Internet.

Em situação bastante subalterna, encontramos lá adiante no escore de *sites* do primeiro grupo, o Make Internet Shoot, Edit, Publish and..., e, no segundo grupo, o BROADNEEDS - Do seu jeito.

Fizemos então uma nova busca pelo termo "Como montar uma web tv", e encontramos várias respostas, bem mais e talvez mais estranhas do que as obtidas na busca anterior.

O sentido dos termos na Internet

Ou seja, a busca por "resultados" no Google vinculava TV e web TV igualmente a webtv; e nada resultava na busca por Internet TV. Entendemos daí que o *software* primeiro grafava (inventava) o verbete webtv; depois reduzia os termos a partir dos quais fizemos a busca a esse verbete por ele criado, ingerindo sobre o nome das coisas que pesquisávamos.

Essa é, aliás, uma das lógicas da tecnologia digital "inteligente". O autocorretivo do Word, por exemplo, está sempre sugerindo que alteremos a grafia de termos que ele não reconhece, e propondo sintaxes e estilos que não são os nossos. Muitas vezes são correções pertinentes, produtivas e respeitosas; mas também muitas vezes são ingerências do *software* sobre nossa forma de expressão.

Nos *chats* também, por exemplo, a toda hora nos são sugeridas expressões "telegráficas" que combinam letras e símbolos gráficos que apenas "os entendidos entendem": ou os aprendemos e usamos, ou ficamos à margem da "língua" ali falada (escrita).

Tudo bem; só que esses códigos se espalharam para fora do ambiente, em e-mails e até em textos acadêmicos que tratam de temáticas afins, tornando obsoleta nossa forma de escrever, ler e comunicar anterior à Internet. A velocidade e efemeridade das mudanças lingüísticas são assustadoras, e levam muito fácil e rapidamente à exclusão de todos aqueles que não estejam minimamente conectados no processo de criação e disseminação da linguagem. Quando isso é ainda associado à obsolescência programada de *hardwares* e *softwares*, o problema se torna quase sem solução para os não especialistas ou para os não habituados.

Uma outra lógica da tecnologia digital diz respeito ao emprego metafórico de termos usados em comunicação analógica (incluída aí a comunicação humana face a face) para designar coisas às vezes totalmente diversas, que são, assim, enunciativamente, tornadas as mesmas ou no mínimo afins. O exemplo mais gritante é o próprio Windows – janela. Com certeza, a janela digital do Windows nada tem a ver de fato com a noção que se tem de janela (para o mundo) no mundo analógico da comunicação mediada por aparelhos. Outro exemplo, mais consentâneo ao objeto em pauta, é o "canal" de uma web TV na Internet, que designa coisa absolutamente outra do que entendemos analogicamente como sendo um canal de televisão. Em todos os casos enfatizamos tratar-se de construtos a que chamamos ethicidades, cujos sentidos identitários são sugeridos em um complexo conjunto de molduras e molduração praticados reiteradamente pelas mídias na veiculação de seus conteúdos. Essas molduras não têm sentido em si mesmas, e se encontram em zonas de grande opacidade para o espectador e o usuário: elas não estão aí para serem percebidas; muito pelo contrário, elas são discretizadas ao máximo. Sua função é dar certas ênfases e conferir certos sentidos aos conteúdos (o teor das mensagens).

É preciso pontuar essas questões lingüísticas preliminares para que possamos avançar na análise em pauta e na pesquisa, que intenta ir muito além delas, mas que as têm como pressuposto. Apenas elas, porém, já seriam suficientes para que se conjeture haver, na Internet, uma outra televisão (ou enunciação de TV) daquela que conhecemos off-line.

Enunciações de TV na Internet

É importante apontar que o Google sugeria ser parte não da Internet, mas da web, o que enunciava sentidos interativos generalizados aos usos que a plataforma oferece a buscadores de seus buscáveis (informação armazenada e categorizada no banco de dados do *site*), havendo aí um sentido moldurado de que os resultados e o sucesso da busca dependem tanto da competência do programa (*software*) quanto da competência (técnica) do buscador.

Na seqüência, importa também insistir em que, no programa de busca do Google, os termos TV e web TV resultavam em webtv, termos tornados assim, enunciativamente, a mesma coisa, ou variações do mesmo. Nas "sugestões" para o termo TV, porém, e para o termo web TV, o Google fazia associações que os distinguiam um do outro.

Assim, é curioso que nas duas buscas efetuadas apareceram emissoras de televisão off-line e on-line, algumas das quais foram referidas nas duas categorias. A TV Globo, por

exemplo, na primeira aparece como tv globo e na segunda como web tv globo. A partir dessa constatação,

a) aventamos a hipótese de o Google sujeitar-se ao poderio da emissora, o que achamos pouco convincente;

b) admitimos que haja tantos e tão diversos comparecimentos das empresas Globo na Internet (com suas enunciações de si e de sua pluralidade) os quais por si mesmos explicariam e justificariam razoavelmente as associações feitas pelo *software* de busca do Google;

c) cogitamos tratar-se de um algoritmo cuja lógica recém começamos a intuir, lógica essa que é própria do meio e que não necessariamente exclui as alternativas anteriores, mas que não está sujeitada a (apenas) elas.

Também é curioso o fato de que nas duas buscas a gratuidade da exibição é reiterada em sugestões subsumidas como tv online grátis e web tv grátis. É curioso porque até onde pudemos averiguar as imagens disponíveis na Internet que não são de acesso gratuito dizem respeito apenas a Web TVs de cujo escopo não fazem parte as emissoras a que chamamos de on-line. Mas, nas lógicas operativas do meio, isso adverte quanto a haver um caráter presumidamente mais democrático na Internet (ou na web, como o Google sugere) do que nos meios precedentes (off-line).

Por último, também é curioso que nas sugestões apareçam emissoras presumidamente TVs ou web TVs que assim foram "lidas" pelo *software* como pertencentes a uma categoria ou a outra, e em relação às quais apenas no primeiro caso o *site* referiu-se ao seu caráter on-line; no segundo caso, referiu-se ao seu caráter web.

O que isso estaria sinalizando acerca das enunciações do meio sobre web TVs? Um estágio da técnica em que o ponto zero do fenômeno ainda é indiscernível (confundindo os próprios programadores)? Ou um estágio da técnica em que se disputa a primazia do enunciado?

Até o momento (conforme as buscas relatadas e a metodologia adotada), assumimos a autenticação das seguintes alternativas de entendimento dos enunciados do Google no concernente à TV:

- todo e qualquer *site* que se apresente de qualquer jeito na Internet relacionado à televisão off-line pode ser entendido como webtv;

- todo e qualquer *site* que se apresente de qualquer jeito na Internet relacionado à televisão na Internet pode ser entendido como webtv;

- todo e qualquer *site* que se apresente de qualquer jeito na Internet relacionado à TV como mídia, aparelho (suporte) ou distribuição de sinal (pago ou gratuito) pode ser entendido como webtv;

- todo e qualquer *site* que se apresente de qualquer jeito na Internet relacionado a qualquer coisa relacionada à TV ou à televisão pode ser entendido como webtv.

Nesses quatro conjuntos (ou coleções) de *sites* que emergiram da busca pelos três termos com a qual iniciamos o processo, nos resultados e sugestões eles (os termos) foram reduzidos a uma mesma designação, o que é uma tradução autoral do *software* do Google, fenômeno que, assim relatado e entendido, coloca em crise e critica uma consagrada noção, talvez autoritária (e nos interrogamos sobre isso), que tende a vincular a autoria de qualquer produto midiático a um sujeito humano. Não estariam aí se evidenciando problemáticas conceituais relativas ao limiar comunicativo do humano e o de suas extensões midiáticas?

Tornar afins coisas bastante diversas e díspares nos parece ser um sintoma do estágio da técnica e dos estudos do meio, como também o é o índice adotado pelos *softwares* e algoritmos para colecionar ou tornar afins coisas que até então entendíamos às vezes bastante distintas.

Assumindo que, nos termos de Goethe (1998), as afinidades são eletivas[5], quais seriam, então, no estágio da técnica e dos estudos do meio, os elementos técnicos e enunciativos que permitiriam acionar do banco de dados armazenados aquelas imagens-lembrança[6] de TV que nos interessavam quando iniciamos a busca? Ou seja, qual é a idéia de TV que dura nas coleções (de "resultados" e "sugestões") inventadas pelo programa de busca do Google a partir de seu próprio banco de dados?

Com tais questões e apontamentos estamos sugerindo que as enunciações de TV na Internet também estão sendo ensaiadas (testadas) pelo conjunto de *softwares* (em seu atual

[5] Benjamin (2006) apropriou-se desse enunciado para sugerir critérios cartográficos para tornar afins imagens de constelações inventadas pelo pesquisador, no interior das quais haveria imagens dialéticas que iluminariam toda a constelação porquanto seriam imagens críticas da imagem, porque suportariam a tensão entre o que foram e o que dura no que elas ainda são.

[6] Estamos aqui conclamando as noções de Bergson (1999) para explicar o acionamento de imagens-lembrança pela necessidade de agir no presente.

estágio técnico) utilizados para arquivar (colecionar) e disponibilizar ao buscador certas respostas (enunciativas) a suas buscas.

Considerações finais

As considerações que faremos a seguir só são finais no âmbito desse artigo, que é relativo às nossas primeiras buscas na Internet para entender o que são web TVs a partir das enunciações de si praticadas pelo meio no conjunto de molduras e moldurações por ele praticadas. Quanto à pesquisa que estamos relatando, as considerações resultam de uma primeira aproximação ao objeto, o que lhes confere um sentido mais interrogativo do que conclusivo.

Primeiro de tudo, e para muito além da pesquisa em pauta, estamos cogitando seriamente estar havendo um descaso da pesquisa em geral em relação aos sentidos de local, regional, nacional e internacional que estão implicados na tecnocultura audiovisual contemporânea quando se os pensa mediados ou midiatizados por tecnologias analógicas ou por tecnologias digitais. Não se trata (apenas) da ingerência da Internet no processo de globalização. Trata-se, antes disso, a nosso ver, da grande correspondência entre a digitalização de conteúdos midiáticos e sua potência de transcender a qualquer individuação analógica com a historicamente anterior questão da subjetivação de um indivíduo, de um local, de uma região ou de uma nação.

É óbvio que esses termos se vem tornando obsoletos e insuficientes para analisar a conjuntura cultural contemporânea, mas isso não quer dizer que os devamos ignorar. O que é preciso considerar é como e porque eles se tornam menos importantes. E, numa perspectiva não saudosista nem melancólica, o que advém de tais radicais mudanças de perspectiva, no interior das quais, por exemplo, a primazia do sujeito e da identidade (e leia-se aqui de forma mais abrangente, o antropocentrismo) está radicalmente em crise.

Em segundo, nesse artigo temos por presumido autenticado (ainda que esse pressuposto continue sendo investigado na pesquisa em curso) que, na Internet, há essencialmente duas televisões, duas coisas designadas igualmente de TV. A essas duas coisas demos o nome provisório de TV on-line e de web TV, e elas se distinguiriam claramente em natureza (e não apenas em grau) porquanto a primeira estaria expressivamente relacionada às lógicas off-line adaptadas à Internet, e a segunda estaria expressando as lógicas operativas e significantes (molduras e moldurações próprias do

meio) da Internet na constituição de si como diferença e na oferta de sentidos peculiares ao que veicula ou disponibiliza ao buscador.

Portanto, antes de concluir a análise empreendida nesse artigo, é preciso esclarecer nosso entendimento acerca de TVs off-line e TVs on-line.

Ainda que se tente fazer isso à luz de uma ontologia generalizante anterior à Internet (constatamos o investimento numa ontologia desse tipo - muito arriscado, diga-se de passagem - em vários textos de vários autores), entendemos ser muito difícil discernir hoje o que está on-line do que está off-line, antes de tudo porque o sentido dos termos foi substancialmente alterado pelas tecnologias digitais que se alastram na comunicação mediada por computadores.

Também entendemos que os sentidos de analógico e digital, ainda que recentes, estão tão em crise quanto os mais antigos - de mídia, e de representação, por exemplo -, sendo que constatamos que vários autores em vários textos os têm problematizado. A perspectiva que mais tem nos interessado fazer avançar é aquela em que se problematizam as noções de analógico e digital desde duas alternativas não excludentes: estaríamos nos referindo a um caráter tecnológico analógico-digital ou a um caráter estético analógico-digital? Se adotarmos a primeira, ou a segunda, o que diremos será algo totalmente diverso. Na segunda, por exemplo, e que é a que mais nos interessa, poderemos pensar numa estética analógica construída digitalmente, e numa estética digital construída analogicamente.

Considerando a brevidade do texto e a complexidade dos termos, decidimos reduzir a problematização para a seguinte proposta conceitual, a título de considerações finais, independente das práticas enunciativas dos meios (e que devem ser lidas, portanto, no intercurso metodológico, como iniciais da pesquisa), ressalvando que, mesmo que estejamos convencidos de que na Internet, independente da circunstância de origem analógica ou digital das imagens, elas foram todas tornadas digitais - ou seja, elas são imagens cuja origem (nesse caso a última e não a primeira) é um código binário que se configura como imagem no momento de sua exibição:

- o sentido off-line é atribuído a conteúdos televisivos que são veiculados (exibidos) fora da Internet, mesmo que as emissoras os repliquem na Internet;

- o sentido on-line é atribuído a conteúdos televisivos que são veiculados (exibidos) fora da Internet e replicados na Internet.

Desde tal ponto de vista, as enunciações da Internet sobre o que são web TVs aqui abordadas atrapalham-se, e tendem a confundir nosso entendimento. Mas sem dúvida sinalizam uma convergência que ultrapassa o limite das técnicas em direção aos limites do conceito. Ou seja, é o próprio cognoscível que passa a ser colocado em crise epistemológica, o que, em paralelo, coloca em crise a ontologia da imagem de TV, e, arriscamos dizer, a da imagem em sentido mais largo.

Ressalvamos que tratamos aqui apenas do que são web TVs a partir dos sentidos identitários sugeridos pelas ferramentas de busca do Google. É tão somente deles que depreendemos que para entender o que são web TVs é necessário ir muito mais ou além do que se tem produzido de análises periféricas ao fenômeno contemporâneo de audiovisualização da cultura, o que, apesar disso, a nosso ver, já é uma contribuição importante para a pesquisa.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte/UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado da São Paulo, 2006.

BERGSON, H**. Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GOETHE, J. W. von. **Afinidades eletivas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

KILPP, S. **A traição das imagens**. Porto Alegre: Entremeios, 2010.

KILPP, S. **Ethicidades televisivas**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.